[(1883), *Gazeta Açoriana*, ano I, n° 1, 10 de Janeiro (Ponta Delgada)]

ANTROPOLOGIA

Não há presentemente parte alguma do mundo civilizado, onde a palavra *antropologia* não seja empregada para designar mais ou menos confusamente uns determinados trabalhos dum grupo de sábios que elevam e agitam essa parte do saber humano de que se ocupam, abrindo discussões em sessões numerosas e em congressos periódicos. O último destes congressos, realizado em Lisboa, veio propagar entre nós o uso daquela palavra. Nem todos sabem porém a significação que ela tem e a rigorosa significação que deveria ter, a circunscrição forçada do campo de observação da ciência que essa palavra denomina, e as discussões graves que sobre estes pontos de partida se tem estabelecido. É com o fim de fixarmos e vulgarizarmos tudo isto que vamos escrever o que for seguindo.

A palavra *antropologia* é velha como a ciência. Definida segundo a sua etimologia ela quer dizer — a ciência do homem. Esta definição imensamente vaga, adoptada e posta em prática por muitos homens modernos, é que tem dado lugar às vivas discussões que nos propomos expor, e donde, como de todas as discussões verdadeiramente científicas vai começando a sair muita luz e uma orientação incomparavelmente mais segura.

Mas nem sempre a Antropologia foi encarada pelo lado etimológico da palavra, e a partir dos conhecimentos humanos que compunham essa ciência, conquanto bem diversa daquele em que a Antropologia tende actualmente a circunscrever-se do modo mais útil, era também limitada. Aristóteles chamava *antropólogos* aos que dissertavam sobre o homem; mas a dissertação era, e continuou a sê-lo até Brumenbach, sobre as questões da alma e da moral, com a exclusão completa ou quase completa do físico da espécie humana.

Os antropólogos modernos, homens de gabinete, indagadores ardentes e conscienciosos, mas por isto mesmo que estão absorvidos nos trabalhos práticos, absolutamente privados de um espírito perfeitamente filosófico, não dão no conjunto das suas definições, nem das memórias que publicam, uma importância bem acentuada ao moral ou ao físico. Uns, é verdade, não se ocupam senão do físico e outros do moral, e o máximo número de estudos versa sobre o primeiro; mas o espírito filosófico que os guia a todos (refiro-me principalmente aos membros e professores da *sociedade e escola de antropologia* de Paris onde sob a orientação do ilustre Paulo Broca, se desenvolveu a máxima actividade), o espírito filosófico que os guia não cria uma precisão desejável. Topinard, autor do manual antropológico correntemente estimado ([1]), diz-nos logo nas primeiras linhas que a Antropologia hoje compreende ambos, o homem moral e o homem físico. Imediatamente que esta definição surge, a Sociologia acha-se com o direito de defender o seu lugar insubstituível e aconselha à Antropologia o estudo do físico humano debaixo dum certo ponto de vista em que o estudo do moral entra apenas como auxílio indispensável para a compreensão das modificações do outro estado.

Evidentemente a Antropologia que se definir — o estudo de tudo que diz respeito ao homem, abrange a série imensa dos conhecimentos humanos, e então tanto faz dizer antropologia como dizer a ciência. Convém que nos expliquemos

---

([1]) *L'anthropologie* (Bibl. des sc. contemporaines).

melhor. Tudo o que diz respeito ao homem é antropológico no sentido vulgar, etimológico da palavra; mas porque a uma parte amplificada da zoologia humana, que é na verdade o que a antropologia é; porque a uma parte se dá um nome que não deve ser mais do que um nome de baptismo, ninguém deve julgar-se obrigado, sem consideração pela classificação rigorosa das ciências e pelas vantagens que daqui resultam, a acumular debaixo desse nome tudo o que a sua significação vulgar comporta. Tal parece ser por fim de contas uma das principais forças a que obedecem os antropologistas que assim não vêem.

Acresce a esta falta de rigor científico que estes sábios que assim encaram a questão, pretendem erigir a Antropologia, deste modo indefinida, como ciência nova e independente. Ora é talvez principalmente sobre estas duas afirmações que as mais sérias e justas críticas tem caído. A Antropologia moderna tem métodos e instrumentos de investigação que lhe são particulares, criados, sem dúvida alguma, inteiramente de novo pelo génio incomparável de Paulo Broca. Mas, métodos e instrumentos não são suficientes para darem o cunho de novidade e independência a uma ciência. Uma ciência qualquer compreende uma ordem de factos, e os métodos e processos de investigação e exposição desses factos. Ora acontece também que a ordem de factos mais particulares à Antropologia moderna não é de modo algum nova, e tudo o que nele parece mais novo e tudo quanto possa adicionar-se-lhe de conhecimentos do homem físico, que é o que no fundo a constitui, tem de há muito um capítulo aberto na zoologia humana, na osteologia, na anatomia, &.

Não se cria uma ciência nova pelo simples facto de se aplicar diversamente uma palavra velha, nem por se agrupar dum modo novo ciências conhecidas. Quer isto dizer que a Antropologia é uma quimera? De modo nenhum. Ela não é uma "ciência nova e autonómica," no sentido que estas palavras tem; mas debaixo do seu nome amplificou-se duma maneira tão especial essa parte de anatomia humana que lhe dá o fundo - o estudo anatómico das raças, e criou-se para isto a utilização de ciências ou ramos de ciências que dantes viviam num estado solitário, ou tinham uma convivência muito incompleta: debaixo do seu nome, ainda que sem atender à orientação filosófica, tem-se feito uma tão grande soma de trabalhos práticos, e tem-se criado tanto prestígio, que a Antropologia merece palavras sérias e desapaixonadas de todo aquele que se interessa pelo estudo do homem debaixo de qualquer aspecto que seja, e que é de toda a oportunidade o formular-se a possível conciliação entre o espírito do especialista que não vê senão o ramo que estuda e quer para ele tudo, e o espírito do generalizador que respeita e combate não para ofuscar, mas para disciplinar e engrandecer.

Quando definida e praticada com rigor e disciplina mental, não pretendendo por si só chegar ao conhecimento completo do homem, nem pretendendo regular em seu proveito exclusivo a marcha doutras ciências vastas, bem definidas e especializadas, cujos métodos e resultados de ordem muito superior são inteiramente diversos, como a Sociologia, a Psicologia, a História; nestes termos a Antropologia moderna tem o seu horizonte de glórias suficientemente largo.

Para fixarmos esta convicção abrimos com este uma série de artigos.

[(1883), *Gazeta Açoriana*, ano I, n° 4, 10 de Fevereiro (Ponta Delgada)]

ANTROPOLOGIA II

De todas as críticas que a indisciplina dos antropologistas modernos tem feito produzir, as que mais avultam são dois artigos, um de G. Wyrouboff na revista *La philosophie positive* (L'influence métaphysique en biologie. L'anthropologie, ce qu'elle est ce qu'elle doit être), e outro do Dr. Gustavo Le Bon na *Revue Scientifique* (L'anthropologie actuelle et l'étude des races).

O artigo de Wyrouboff é duma importância capital pelo que respeita à filosofia da questão, ao lugar da antropologia na classificação das ciências; o do Le Bon não o é menos no que diz respeito à urgente reforma dos processos e métodos de descoberta e exposição dos factos.

Examinemos cada um destes artigos.

Wyrouboff, recordando a agitação que a ciência proclamada nova e independente tem feito nos últimos vinte anos, passa a fazer sentir a desarmonia completa que há nas seguintes definições.

«A Antropologia moderna é, segundo Paulo Broca o seu fundador em França, a ciência que tem por objecto o estudo do grupo humano considerado no seu conjunto, nos seus detalhes e nas suas relações com o resto da Natureza.».

Segundo Quatrefages, ela é «a história natural do homem feita monograficamente como a entenderia um zoologista estudando um animal» ou «tem por fim o estudo do homem considerado como espécie, abandonando o indivíduo material à fisiologia, à medicina, o indivíduo intelectual e moral à filosofia e à teologia.» ([2]).

Segundo Topinard «é o ramo da história natural que trata do homem e das raças humanas.».

Segundo Bertillon «é uma ciência pura e concreta, tendo por fim o conhecimento completo do grupo humano considerado: 1° em cada uma das quatro [*sic*] divisões típicas (variedade raça, espécie se a há) comparadas entre si e aos seus respectivos meios; 2° no seu conjunto e relações com o resto da fauna.».

Resulta evidentemente daqui, como o faz notar Wyrouboff, que os antropologistas experimentam as maiores dificuldades em definir duas maneiras um pouco precisas o quadro dos seus estudos. Revela-se em tudo isto a maior das faltas, a que ataca directamente pela base: nenhum dos professores duma mesma escola (dum mesmo edifício) define do mesmo modo, nenhum se conforma com o espírito da definição do outro e até Topinard, apesar de se confessar o mais respeitoso discípulo de Broca, não aceita a definição do mestre, pretendendo contudo que a sua fórmula resume todas as outras definições! Todos estes professores proclamam a sua ciência nova, imensamente vasta a primeira de todas mas quando se trata de dar uma definição ninguém a sabe definir. Isto porém é coerente com o estado de espírito

---

([2]) Esta segunda definição é uma das que põem melhor em evidência a indiferença, aliás inconsciente, com que é tratada por estes sábios esta questão capital de definir bem, questão donde deriva o programa e o método. Se a Antropologia fosse o que esta definição diz ela seria o estudo de cousa nenhuma; depois de ter abandonado tudo, não é fácil dizer com que é que a nova ciência fica para poder estudar o homem considerado como espécie. Além disto as ciências a que se pode abandonar o estudo do homem material e o do homem intelectual e moral, não são a fisiologia e a medicina, a filosofia, e a medicina, são a anatomia e a fisiologia, a psicologia e a sociologia.

filosófico que lhe marca esse *campo desmesuradamente vasto* (Topinard) e, desde o momento em que se aceitasse a lógica da restrição, a definição saltaria uniforme.

A primeira definição de Quatrefages é aquela que Wyrouboff acha infinitamente mais racional e mais precisa.

Este escritor eminente prova que a antropologia é uma ciência sem independência que a coloque à altura das ciências abstractas superiores, com os argumentos seguintes. Sendo ela a história natural do homem feita monograficamente (e outra coisa não pode ser, ela é simplesmente uma ciência descritiva, uma ciência concreta. Toda a ciência deste género deve satisfazer a duas condições essenciais: ligar-se a uma ciência abstracta determinada e abranger a totalidade dos factos particulares estudados pela ciência abstracta de que ela depende.

Os antropologistas, segundo o grau de vastidão do seu programa, tem por tanto de se considerarem biologistas ou sociologistas. Mas a sociologia tem já uma ciência concreta correspondente, a história. Alguns espíritos há que, bem longe de pensarem sequer em se filiar na sociologia, argumentam que esta ciência é uma parte da antropologia porque, se o homem é aqui estudado como o zoologista estuda um animal qualquer, e se este estuda, o instinto e as sociedades animais, o antropologista também deve estudar a inteligência e as sociedades humanas. Wyrouboff, verdadeiro discípulo de Comte, o criador da sociologia tira-nos porém desta confusão, lembrando que é preciso distinguir os meros *instintos de associação* das *funções sociais*; aqueles acham equivalentes na espécie humana, mas estas formam a característica própria da humanidade, não têm equivalente algum nos outros animais, e fornecem todos os elementos para a formação duma ciência verdadeiramente vasta e independente, a sociologia.

O antropologista não é pois por nenhum dos modos um sociologista.

Prosseguindo nos argumentos o autor cuja crítica expomos requer que se considere a Antropologia como ramo de uma das ciências concretas da biologia — a zoologia. Admitida a existência de um terceiro reino o *reino humano* (Quatrefages) teríamos três ciências concretas equivalentes para a biologia — botânica, zoologia e antropologia, mas como o homem não pode separar-se do reino animal para formar um à parte, a antropologia deixa de ser comparável às outras duas ciências concretas, e tem de filiar-se na segunda.

Separar a antropologia da zoologia e considerar o homem como um animal cujo estudo deve ser forçosamente moldado na conduta do zoologista a respeito do estudo dos outros animais, não é coerente. Wyrouboff, depois da indispensável severidade termina por dizer que filosoficamente a antropologia vem imediatamente depois da mamalogia e precede a história, e que é entre estes dois termos que deve mover-se a sua independência, e que, da desorientação que põe em relevo e procura fazer desaparecer não resulta de modo nenhum que a antropologia esteja condenada a desaparecer num futuro mais ou menos próximo. Segundo ele, «ela tem todos os direitos à existência mas com a condição de se transformar radicalmente. Ela deve antes de tudo possuir-se do verdadeiro papel que lhe pertence na classificação do saber e manter-se ali rigorosamente. O seu lugar é o duma descrição natural do homem como indivíduo, como variedade, como espécie, como raça; ela pode mesmo abordar o estudo dos povos e das nações, mas apenas como divisões taxinómicas destinadas a fazer conhecer melhor os caracteres tão numerosos e tão diversos da espécie humana.».

A sua colocação entre a mamalogia e a história provém de que, além do campo das diferenciações físicas das raças, a antropologia tem a pré-história, ramo de que se

apossou logo e que de direito lhe pertence, e assim completada ela vai preparar a história.

Tendo assim estudado em primeiro lugar o lado filosófico da questão e visto no artigo aqui exposto como o *critério* da filosofia positiva intervém, tomaremos conhecimento de importantes questões práticas no artigo do Dr. Le Bon. Aí conheceremos a razão principal porque o antropologista não tem dado resultados mais úteis, e os meios de obstar a este inconveniente.

[(1883), *Gazeta Açoriana*, ano I, n° 11, 2º número de Abril (Ponta Delgada)]

ANTROPOLOGIA III
(Continuando do nº4 e conclusão)

Na *Revue Scientifique* de 17 de dezembro de 1881, o Dr. Gustavo Le Bon publica um artigo (L'anthropologie actuelle et l'étude des races) da maior utilidade para a Antropologia.

Nesse artigo são sucessivamente examinados – o estado actual da antropologia; o acanhado campo prático de observação que, na verdade, forma um perfeito contraste com a extensão ilimitada que se lhe confere nas definições; a falta de direcção precisa dos trabalhos; a necessidade de completar na prática o estudo físico das raças por indicações psicológicas e sociológicas; a urgência de se proceder ao estudo das raças inferiores antes que elas continuem a desaparecer ao contacto da civilização; e sobretudo o pouco ou nenhum partido que os antropologistas tem sabido tirar dos factos observados pela falta dum método conveniente.

Conquanto os antropologistas tenham exagerado a importância da sua ciência, atribuindo-lhe esse *campo desmesuradamente vasto* de que fala Topinard, é facto que na prática nada se tem feito neste sentido. Medições de crânios e de esqueletos, a isto se reduz a parte fundamental das suas memórias e dos seus museus. As instruções da Sociedade de Antropologia de Paris não recomendam outra coisa senão o estudo das variações do corpo nas diversas raças humanas.

O crânio é na realidade o que tem ocupado quase unicamente os antropologistas modernos; excessivas medições, curvas, planos, ângulos, não tendo podido convencer a ninguém da sua utilidade, mesmo dentro dos problemas da ciência pura, têm lançado grande descredito sobre a antropologia que, praticada doutro modo, pode ter grande utilidade.

O Dr. Le Bon não se limitou a criticar e posteriormente, na mesma *Revue*, anuncia a publicação dum estudo-plano sobre uma raça em via de formação descoberta nos montes Tatras. Nesse estudo são sucessivamente examinados — a geografia e a etnografia dos Tatras, o meio (clima, vegetação, etc.), as condições económicas e sociais de existência, a psicologia (sentimentos, inteligência e moral), a antropologia e a diferenciação. É uma raça cujo tipo não é ainda suficientemente homogéneo, mas que já se distingue radicalmente de todos os povos circunvizinhos, dos quais evidentemente deriva, por uma braquicefalia (cabeça arredondada) maior e sobretudo mais geral, e por uma circunferência craniana inteiramente superior. Esta diferenciação é explicada pelo isolamento motivado por pequenos ódios de raça e pelas condições geográficas; pelas condições económicas e sociais de existência assaz difíceis e que obrigam a uma grande actividade intelectual, às artes e à indústria, para se obter os recursos necessários, actividade que é a causa do grande desenvolvimento cerebral e craniano, pela grande mortalidade nas crianças, devido ao excessivo rigor do clima, o qual determina ao mesmo tempo uma selecção natural repetida em cada geração e que tem por fim a eliminação dos mais fracos.

O ilustre antropologista convence-nos com este estudo de que é indispensável recolher as suficientes indicações de toda a sorte, a fim de ter a explicação de qualquer fenómeno constatado. As explicações da formação das raças não são meras hipóteses, e são constituídas por uma ordem de factos bem conhecida e aproveitada não só na teoria mas na prática. Sem se preocupar de modo nenhum com o ponto de vista sociológico, o antropologista recolhe o essencial dessa ordem de factos ao

mesmo tempo que faz um número racional de medições e observações para o seu ponto de vista exclusivo.

Com a memória importantíssima do Dr. Le Bon, a antropologia quer instalar-se definitivamente no estudo das raças humanas, consideradas no conjunto dos seus caracteres físicos, intelectuais e morais, e no estudo ou consideração de todos os fenómenos julgados como factores da sua evolução.

Não admitindo margem alguma para um programa indefinido, é por isso que dizemos *no estudo ou consideração* daqueles factores. Julgados como factores da evolução das raças, há fenómenos que são de origem biológica, outros que o não são, que são de ordem sociológica, climatológica, etc. Os primeiros o antropologista estuda-os, são da sua competência, eles ligam-se aos problemas gerais da sua ciência, da ciência abstracta superior de que faz parte do seu ramo; os segundos o antropologista não os estuda, considera-os apenas debaixo dum limitado ponto de vista também concreto, eles não são da sua competência, o seu ponto de vista geral forma o objecto doutras ciências abstractas superiores. O antropologista vê por exemplo no movimento da população, ou no estado da propriedade, um dos factores da evolução física das raças; estudando esta, considera-o como tal e é ao sociologista que compete estudá-lo, compará-lo em si e ligado a outros fenómenos sociais nos povos e no tempo.

Uma tal regra de conduta, não envolvendo por modo nenhum a preocupação de estudar as leis sociológicas, corresponde também ao espírito mais filosófico do especialista e que vai direito ao que forma o fundo dos trabalhos antropológicos, incluindo ao mesmo tempo o modo indispensável por que eles devem completar-se, para que a antropologia satisfaça a uma necessidade científica nova realmente existente — contribuir tanto quanto possível para o conhecimento completo das causas de formação, transformação ou permanência das raças humanas, com o elevado fim de esclarecer os problemas da civilização.